

# O orçamento e o bisturi

● GLOBO

A. GOMES DA COSTA

27 AGO 1988

**O** ilustre Governador do Distrito Federal, Sr. José Aparecido, referindo-se aos cortes nas despesas públicas que o Ministro do Planejamento está tentando fazer no Orçamento Geral do Estado, teve o seguinte desabafo: esse moço pensa que é o Salazar!

A frase, que denuncia uma visível contrariedade, é pelo menos uma prova de que o Governo parece determinado a reduzir o desequilíbrio nas contas públicas e não está a fazer o jogo das influências. Como o aumento das receitas pela carga fiscal já é quase inviável, a alternativa que fica para a Administração é conter os gastos, doa a quem doer. E isto, naturalmente, não agrada aos políticos que procuram, à custa do Tesouro, atender às pretensões das clientelas ou dar barretadas com o chapéu da República.

Em 1926, quando o Governo português da época foi buscar à Universidade um jovem professor de Finanças para tirar o país do descalabro e da bancarrota, pensava que, com o novo Ministro, iriam continuar as bandalheiras em São Bento e o descontrole no Terreiro do Paço. E quando Salazar começou a pôr ordem na casa, a conter os gastos públicos e a mudar a mentalidade dominante, os políticos reagi-

ram, insatisfeitos e amuados, e não lhe deram o menor apoio. Resultado: entregou a carta de resignação e voltou para Coimbra. Se o tinham chamado, era para corrigir desmandos — e não para frequentar os salões de festas e para compactuar com um processo que ia destruindo progressivamente as forças vivas da Nação.

Mais tarde foram convidá-lo de novo e, nessa altura, antes de aceitar o cargo, Salazar impôs condições: "assumo as Finanças, mas ninguém vai gastar um centavo sem minha autorização." O Governo, pressionado pela comunidade externa, que cortara o crédito ao país, e no meio da desordem e do desentendimento geral, não teve outra alternativa. E assim começou a grande obra de saneamento financeiro que resgatou Portugal da insolvência e da desordem em todos os sentidos.

Salazar contrariou os partidos políticos, impôs sacrifícios, reorganizou a máquina administrativa e correu com a incompetência. Em poucos anos, o país, mergulhado no caos e na ruína, com os governos a caírem como tordos e o Parlamento desacreditado; com a crise a sangrar as últimas energias de um povo — "Vendam-se as colônias! Fechem-se as fronteiras de vergonha!" —, esse Portugal, roí-

do e sangrado, reencontrava, com o Estado Novo, o caminho da dignidade, do bom senso e da recuperação.

É certo que depois viriam os erros e os vícios da ditadura e do corporativismo; viriam as críticas à política do "produzir e poupar" preconizada pelo salazarismo; viriam os anseios de mais liberdade e de mais arranque, mas o certo é que não fora a firmeza do homem de Santa Comba Dão, o seu programa de austeridade e a sua capacidade de gerir a coisa pública e provavelmente o país caminharia para a autodestruição, tal era o grau de irresponsabilidade das classes dirigentes e o formigamento demagógico dentro dos gabinetes.

Por isso, quando vemos as reações contra as medidas de controle e de economia que o Ministro do Planejamento deseja que sejam seguidas na aprovação do Orçamento para 1989, todos os brasileiros empenhados na luta contra a inflação e a desordem financeira devem sentir um pouco de esperança.

As vezes o bisturi é sinônimo de cura. Ou, pelo menos, livra-nos do tecido podre. É caso para dizer ao Ministro: não lhe doa a mão, ainda que o chamem de Salazar...